

ESTEREÓTIPOS FEMININOS NOS CONTOS DE FADAS E A FORMAÇÃO DAS IDENTIDADES FEMININAS: PERCEPÇÕES DE PROFESSORAS CODOENSES

FEMALE STEREOTYPES IN FAIRY TALES AND THE FORMATION OF FEMALE IDENTITIES: PERCEPTIONS OF TEACHERS FROM CODO

Kelly Almeida de Oliveira.¹

Luis Henrique Serra.²

Maria Nayara Oliveira Torres.³

RESUMO

Na pesquisa, analisamos os estereótipos femininos nos contos de fada europeus e sua relação com a formação das identidades femininas, ou seja, as representações de mulheres nas personagens desses contos. Para isso, inicialmente, identificamos as representações das personagens femininas nos contos nas versões dos filmes de animação da *Walt Disney Studios*. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica entre novembro de 2019 e março de 2020 com os autores Aguiar e Barros (2015), Bensi e Cavalcante (2018), Beauvoir (2009), Butler (2003), Bourdieu (2010), Hall (2006) e Pollak (1992), que investigam contos de fadas, literatura infantil nacional e estrangeira, representação da figura feminina nos contos de fada, identidade, gênero, estereótipos e funções sociais das mulheres. Na busca por compreender essa relação entre os contos de fada e a formação das identidades femininas, elaboramos e aplicamos um questionário online com seis professoras de três escolas municipais de ensino fundamental dos anos iniciais da rede pública de Codó/MA. A pesquisa possibilitou a compreensão da percepção das docentes quanto à influência dos contos de fadas na formação das identidades nas escolas públicas do município. Nesse sentido, a relação dos contos de fada e a formação das identidades femininas destaca o papel das professoras nessa discussão, demonstrando que estão cientes da existência de estereótipos nos contos de fada e da necessidade de discuti-los e desconstruí-los ao longo de suas aulas.

Palavras-chaves: Contos de fadas; Estereótipos; Identidades femininas; Anos iniciais.

¹ Doutora em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Mestra em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Especialista em Didática Universitária pela Faculdade Atenas Maranhense (FAMA). Graduação em Pedagogia pela UFMA. Professora Adjunta - Nível 2 da UFMA. E-mail: ka.oliveira@ufma.br.

² Doutor e Mestre em Letras (Filologia e Língua Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (USP). Licenciado em Letras (Língua Portuguesa e Inglesa e suas respectivas literaturas) pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Professor Adjunto da Coordenação de Letras do Centro de Ciência de Bacabal da UFMA. E-mail: luis.henrique@ufma.br.

³ Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Matemática no ensino fundamental pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela UFMA. Bacharela em Administração pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). E-mail: maria.nayara@discente.ufma.br.

ABSTRACT

In this research, we analyzed female stereotypes in European fairy tales and their relationship to the formation of female identities, that is, the representations of women in the characters of the tales. To do so, we initially identified the representations of female characters in the stories in the versions of the Walt Disney Studios animated films. A bibliographical study was conducted from November 2019 to March 2020, using works by authors Aguiar and Barros (2015), Bensi and Cavalcante (2018), Beauvoir (2009), Butler (2003), Bourdieu (2010), Hall (2006), and Pollak (1992), who investigate fairy tales, national and foreign children's literature, the representation of the female figure in fairy tales, identity, gender, stereotypes, and the social roles of women. In an effort to understand the relationship between fairy tales and the formation of female identities, we developed and applied an online questionnaire with six teachers from three public elementary schools in the early years of education in Codó, MA. In this context, the relationship between fairy tales and the formation of female identities highlights the role of teachers in this discussion, demonstrating that they are aware of the existence of stereotypes in fairy tales and the need to discuss and deconstruct them throughout of their classes.

Keywords: Fairy tales; Stereotypes; Female identities; Early years.

INTRODUÇÃO

A Literatura infantil é constituída por um conjunto de imagens e uma linguagem específica, voltada para um público em fase de aprendizado e com uma imaginação fértil, tendo surgido por volta do século XVIII. Entretanto, o ato de contar histórias de forma oral, antecede a esse período. A literatura infantil, no processo de adaptação e criação de histórias direcionadas ao público infantil, tem forte relação com o contexto histórico, social e ideológico da época, assim como é influenciado pela descoberta da infância e pela relação familiar.

Nessa direção, o olhar para as crianças nessas histórias vem se modificando, ou seja, não são mais os adultos em miniatura, as famílias passam a ter outras preocupações e conseqüentemente, a educação de suas/eus filhas/os é vista de outro modo. Nesse contexto, a escola exerce uma função importante no processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças e a literatura infantil tem um papel relevante (Schneider; Torossian, 2009; Mendes, 2016; Basto; Aguiar e Barros, 2015).

Apesar das mudanças realizadas nos contos de fadas ao longo dos anos, alguns elementos ficaram inalterados, tais como o encantamento, a magia das fadas, os heróis. Para

tornar os contos de fadas mais adequados ao público infantil, foram considerados elementos do imaginário da criança. Em relação a isso, o escritor Charles Perrault (1628-1703), um dos principais nomes da Literatura Universal, adicionou lições de moral aos contos de fadas, dando uma perspectiva patriarcalista/machista, muito vigente em sua época (Schneider; Torossian, 2009).

Considerando a natureza e a relevância dos Contos de Fadas para se pensar a sociedade e as imagens sociais, delineamos como questão de pesquisa a partir do seguinte ponto: que influências os estereótipos criados nos contos de fada exercem na formação das identidades femininas? Assim, a pesquisa objetiva analisar os estereotípicos criados nos contos de fada europeus, a relação entre eles nos processos de formação das identidades femininas e de suas representações nas personagens femininas na sociedade.

Considerando essas discussões, a presente pesquisa tem como objetivo problematizar a imagem da mulher nos contos de fadas de grande sucesso na modernidade, observando mudanças e transformações nas imagens dessas personagens provocadas pelas discussões sobre o papel da mulher na sociedade. Além disso, o presente trabalho também tem como objetivo observar, por meio de entrevista com docentes, o papel da literatura infantil para a construção de uma imagem feminina de meninas na educação infantil e no ensino fundamental.

Considerando isso, nesta introdução, fazemos uma breve apresentação do trabalho com os objetivos, problema, metodologia e questões teóricas. Na metodologia, descrevemos os procedimentos da pesquisa, instrumentos utilizados para geração de dados e a caracterização das participantes da pesquisa. Na discussão e resultados, apresentamos e debatemos os dados obtidos durante o desenvolvimento do questionário, assim como analisamos esses dados a partir dos teóricos utilizados no trabalho e objetivos da pesquisa. Constam nas considerações finais, as percepções e aprendizagens com o desenvolvimento da pesquisa e a contribuição dela para a educação.

1. ERA UMA VEZ

O escritor Charles Perrault (1628-1703) escrevia de acordo com a corte e a sociedade francesa do século XVII. Naquele período, os contos de fadas ao serem destinados às crianças deveriam estar em conformidade com os valores morais. Por isso, os trechos de violência e de relações sexuais foram retirados dos contos tradicionais, muito conhecidos pelo povo, em virtude do período ser influenciado por questões religiosas do catolicismo e protestantismo, de modo que era inaceitável pela realeza francesa que as histórias originais fossem contadas para crianças.

Esse posicionamento de apresentar a história ancorada em valores morais, pedagógicos e ensinamentos de como as crianças deveriam se comportar na sociedade aconteceu até início do século XX. Posteriormente, o uso de lições morais nos contos de fadas cedeu lugar para histórias produzidas para as crianças, tendo grande notoriedade o escritor Hans Christian Andersen (1805-1875), por trazer para os contos de fadas outra estrutura narrativa com enredos que conseguiam captar a realidade do público infantil (Silva, Barros e Nascimento, 2012; Schneider e Torossian, 2009).

Perrault foi responsável por escrever a coletânea Contos da Mãe Gansa. Os irmãos Grimm publicaram aproximadamente duzentos e dez livros separados em três volumes durante os anos de 1812 a 1822. Outro nome importante do universo dos contos infantis e que teve importância para construção da coletânea das histórias foi a que ficou conhecida como a “mulher dos contos de fadas”, Katharina Dorothea Viehmann (1755-1815), que contou cerca de quarenta histórias para os irmãos Grimm (Mendes, 2016).

É notória, nos clássicos contos de fada, uma estrutura narrativa com personagens do bem que lutam contra o mal. Nessas lutas, pertencem aos príncipes forças para combater o mal, enquanto as princesas indefesas são do bem, mas não têm papel de coragem. As madrastas e/ou bruxas são as vilãs das histórias, bem como na representação das figuras femininas, prevalecem princesas com atributos físicos como magras, com nariz e lábios finos, olhos pequenos e os

comportamentos que, na época, eram estabelecidos para as meninas e mulheres, como educação, submissão e respeito às normas sociais.

Nesse contexto, tanto as princesas quanto as bruxas trazem em certo ponto como um manual de condutas sociais aceitáveis e inaceitáveis para as mulheres. Nas personagens de mulheres vilãs, é apresentado o que não é correto ser realizado pelas mulheres e as princesas mostram como as mulheres devem se comportar. As personagens femininas das princesas são retratadas com “a resignação diante de algo que aparentemente é imutável, a autoridade e o respeito às leis estabelecidas e impostas por uma sociedade patriarcal” (Soares, 2015, p.02).

Nos contos infantis desde o começo do enredo, o mal não triunfa, e para que a mocinha seja considerada boa tem que ser bonita, paciente, prestativa, amorosa, virgem, desprotegida e jovem. As bruxas são personagens fortes, decididas, destemidas, buscando lugares de poder, autoridade, prestígio, com vestuário nos tons escuros, maquiagem forte, joias e são adultas. Os mocinhos, em sua maioria, são os responsáveis por beijar jovens donzelas desacordadas e enfeitiçadas, enfrentando dificuldades que reforçam que as mulheres precisam de proteção e força dos homens para resolução de problemas e assim conseguir alcançar o famoso clichê “felizes para sempre”.

No Brasil, os contos chegaram por volta do século XIX. No entanto, eram nomeados de Contos da Carochinha, por serem histórias consideradas com conteúdo fantasioso e mentiroso. Posteriormente, passou a ser chamado de Contos da Dona Carochinha. No século XX, passou a ser usado o nome de Contos de fadas (Schneider; Torossian, 2009, p.133-134). Esses contos são traduções dos contos de fadas europeus cujos nomes usados para designá-los foram nomes femininos por serem histórias consideradas como mentirosas. Com a chegada da corte portuguesa, os contos foram utilizados para trabalhar conteúdos de alfabetização com o auxílio de cartilhas para aquisição da leitura e escrita. Como o contexto educacional estava na gênese e na divulgação desses contos, as histórias infantis brasileiras foram escritas tendo como base o conservadorismo, intelectualidade e nacionalismo (Pessolato; Bronzotto, 2014; Silva, 2010).

No tocante à produção de literatura infantil brasileira, especificamente, os contos de fadas, tem-se como obras de notoriedade do escritor paulista José Bento Renato Monteiro

Lobato (1882- 1948), com o livro o Sítio do Pica-pau Amarelo (1920-1947). Os livros apresentam personagens marcantes, como uma boneca falante, seres encantados como sereias, animais falantes e figuras do folclore brasileiro. Embora tenha contribuído para a literatura infantil, observamos na obra Sítio do Pica-Pau Amarelo, que foi transformada em série infantil, em que alguns dos personagens, com Tia Nastácia, Seu Barnabé e Saci, os pobres e empregados da fazenda, foram representados por atores negros, reforçando um estereótipo racista.

Apesar disso, essas produções para o campo da literatura infantil propiciaram o ingresso de autores como Ziraldo Alves Pinto, Ana Maria Machado, Ruth Machado e Lousada Rocha (Schneider; Torossian, 2009). A contribuição de Monteiro Lobato se deu por suas obras serem um processo de ruptura com a produção literária infantil européia, e era baseada no moralismo e conservadorismo também imponente no Brasil no início do século XXI. Nesse sentido, houve uma mudança no cenário da literatura infantil brasileira, em que se passou a buscar produzir histórias pensando no lúdico, não apenas nas lições de moral (Menezes; Silva, 2018).

Evidentemente, que a leitura na infância traz benefícios para crianças, que vão desde a melhoria da escrita, o estímulo pela criatividade e contribui para a formação de leitores. Essas histórias recheadas de magia, aventuras, pessoas da realeza e finais felizes ajudam a criança a conhecer a si e outras realidades, além de estimularem a criatividade e a inteligência. Para as crianças, esses contos exercem a função de entendimento e pertencimento a respeito de si mesmas e das pessoas ao seu redor. Por conseguinte, são referências para compreensão de questões sociais que permeiam a sua vida e de indivíduos próximos (Mesquita; Bervique, 2010).

1.1 Sapatinhos de cristal

Para se discutir a caracterização dos personagens femininos nos contos de fadas, torna-se necessário tratar sobre a categoria gênero, que passou a ser objeto de estudo por volta de 1960, em pesquisas relacionadas à sexualidade (Butler, 2003). As questões relacionadas ao gênero passam a ser discutidas e estudadas nos movimentos feministas que provocaram debates a respeito do papel da mulher na sociedade. Com isso, entende-se que o sexo biológico não é

um fator determinante para o indivíduo ser homem ou mulher, por haver “outros elementos constituidores dos indivíduos que se estendem além das questões biológicas” (Torres, Serra, Oliveira, 2022.p.87).

Em seu livro *O segundo sexo*, a francesa Simone de Beauvoir (2009, p.05) afirma: “E, em verdade, basta passear de olhos abertos para comprovar que a humanidade se reparte em duas categorias de indivíduo, cujas roupas, rostos, corpos, sorrisos, atitudes, interesses, ocupações são manifestações diferentes”. Ela expõe a categorização de pessoas e a divisão sexual. A autora segue provocando a reflexão quando tenciona que é evidente como a estrutura na qual a sociedade se organiza, em que existe um privilégio de ser homem e a subalternização das mulheres. Beauvoir, sobre essa estrutura social, comenta que “talvez essas diferenças sejam superficiais, talvez se destinem a desaparecer. O certo é que por enquanto elas existem com uma evidência total” (Beauvoir, 2009, p.06). Ao longo do livro, ela questiona como são construídas as relações de poder, a superioridade masculina e o fato de como a mulher se tornou apenas o oposto do homem, o *outro* sexo.

Butler (2003) traz em sua obra *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*, a discussão sobre a participação do feminismo nessa temática. Para ela, existe um equívoco quanto à identidade da mulher fundada em solidariedade. Assim como Beauvoir (2009), ela concorda que a mulher não nasce mulher, mas se torna mulher a partir da socialização. Butler (2003, p. 38) explica a respeito do sexo que “a identificação das mulheres com o “sexo” é uma função da categoria das mulheres com as características ostensivamente sexualizadas dos seus corpos”. Em virtude da categoria do sexo ser construído numa perspectiva misógina faz como as mulheres tenham menos independência e apenas os homens sejam considerados “pessoas”. Por essa razão, no imaginário social, existe apenas o gênero feminino. Tendo em vista que “[...] a unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo” (Butler, 2003, p.24).

No entendimento de Louro (2000, p.16), na sociedade, são construídas práticas e linguagens que determinam e categorizam sujeitos femininos e masculinos que são “produtoras de marcas”. Em que essas marcas são constituídas por meio de relações sociais, nos espaços

como escola, igreja e a mídia. Essas instituições realizam o que Louro (2000, p.16) chamada de uma pedagogia “(...) de forma articulada, reiterando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas; outras vezes, contudo, essas instâncias disponibilizam representações divergentes, alternativas, contraditórias.”.

Nessa direção, os estudos realizados referentes ao gênero e à dominação masculina apontam que a função social está relacionada com o sistema simbólico e estruturado em uma realidade construída com base em categorização dos indivíduos a partir dos sexos biológicos. Assim, se forma uma estrutura ordenada. Nesse sentido, a função social se relaciona com o conformismo lógico, aspecto estudado por Durkheim (1858-1917), em que o poder simbólico se sustenta em virtude da estrutura social construída com base em valores morais que legitimam a dominação masculina e a subalternização das mulheres. Nisso, a relação de representação existente no sistema simbólico se manifesta a partir da organização da comunicação e conhecimentos (Bourdieu, 2012; Torres, Serra, Oliveira, 2022).

Dessa forma, o movimento feminista tem contribuído para discussão sobre as opressões sofridas pelas mulheres e as bases estruturantes do machismo e do sistema patriarcal, por ser um movimento que se constitui a partir da busca de mulheres por aquisição de direitos como voto, trabalho e educação. “O feminismo, além de uma teoria crítica, se ocupa em analisar de forma mais abrangente as estruturas que dão base às desigualdades” (Dutra, 2018. p.21).

No entender de Carvalho (2006, p.23), “são conquistas graduais, mas que se fortalecem, a cada dia, dentro dos âmbitos privado e público da efetiva atuação, fazendo a mulher ocupar espaços e posições antes exclusivamente masculinas”. Com isso, as mulheres passaram a assumir mais tarefas além dos afazeres de casa, esposo, filhos que são ensinadas a cuidar desde a infância. Após a luta e resistência feminina, as mulheres podem trabalhar e estudar. Assim, torna-se importante trazer contos de fadas que mostram a mulher como pessoa empoderada (Martins, 2006).

Quanto aos estudos relacionados às questões do papel social da mulher, do homem e da dominação masculina no campo da psicologia, Alice Eagly investiga a respeito do papel social e como a pessoa aprende socialmente a desempenhar determinado comportamento de acordo

com o sexo biológico. A psicóloga trouxe contribuições para essa discussão, ainda assim não avança na busca por entender as bases estruturantes que mantêm a teoria do papel social, pois de certa forma, trata-a como algo natural. Assim, a sociedade define o que é pertencente aos indivíduos com base no gênero, originando um estereótipo de gênero (Silva,1999). Relacionado a isso, “a sociedade busca, intencionalmente, através de múltiplas estratégias e táticas, "fixar" uma identidade masculina ou feminina "normal" e duradoura”. Assim, “(...) articula, então, as identidades de gênero "normais" a um único modelo de identidade sexual: a identidade heterossexual.” Louro (2000, p.17, grifos originais). Nesse sentido, nas discussões sobre estereótipo de gênero, é importante tratar da questão da sexualidade numa perspectiva que rompa com o binarismo.

Dessa forma, a dominação masculina se torna natural e legítima sem precisar de fundamentação. E se mantêm graças à sociedade que instaurou uma ordem em que existe uma evidente divisão sexual do trabalho. Logo, as profissões que requerem força e de posições de poder são destinadas para os homens, enquanto as mulheres executam os trabalhos mais leves e não valorizados pela sociedade. Essa caracterização do ser mulher se dá tanto em aspectos físicos, comportamentais, psicológicos, de maneira que até nas relações familiares, de amizades, amorosas e sexuais têm definido as posições e atitudes, que consiste em uma objetificação do corpo da mulher (Bourdieu,1989).

Os meios de comunicação juntamente com a ciência afirmam e acentuam as diferenças de gênero que indicam como características pertencentes ao universo masculino, a força, coragem e liderança e, para as mulheres, a delicadeza, a doçura e fragilidade (Nogueira, 1999). Para Pomar (2012, p.14-16), o estereótipo de gênero constrói uma concepção determinante das características desde as vestimentas ao comportamento dos indivíduos que o designam como sendo homem ou mulher.

Na definição de Pomar (2012. p.15), os estereotípicos de gênero são “[...] conjuntos bem organizados de crenças acerca das características das pessoas”. Nessa direção, mostra-se como favorável para a construção da figura feminina e masculina delimitada aos aspectos sociais, culturais e históricos. Com isso, esses estereotípicos revelam-se como “[...] uma leitura

distorcida e redutora da realidade, porque facilmente legitimam categorizações irrefletidamente generalizáveis, na sua maioria mais negativas do que positivas” (Pomar, 2012, p.16).

Com base nisso, é possível identificar que, nas relações sociais entre homens e mulheres, reserva-se o papel de dominante ao homem, restando o papel de dominada para a mulher, em que são reveladas em atitudes diárias que são vistas em violência simbólica em determinadas situações. De forma igual, observa-se a reprodução de discursos machistas e crenças em frases, ditados populares e anedotas. Por vezes, o machismo se converte em agressões físicas, assédio e importunação sexual. Devido à naturalização da submissão das mulheres, algumas ações de violência simbólica acontecem de forma automática até mesmo pelas mulheres (Coelho, 2010).

A respeito da leitura de contos de fadas por crianças em estudos realizados no campo da psicanálise, se investigou sobre a representação feita através de símbolos assimilados na leitura de contos de fadas. As leituras dos contos de fadas de certa maneira são referência para as crianças, assim a trajetória das/os personagens e a forma como elas/es lidam com os problemas vivenciados na história influenciam as crianças enfrentam seus próprios problemas (Falconi; Farago, 2015).

Os contos de fadas são para as crianças importantes para a apreensão de conhecimentos e saberes culturais, históricos e temas sociais que exercem influência no processo de percepção de si, das pessoas próximas e dos outros indivíduos, sendo um dos elementos constituidores da formação da personalidade. Assim, essas histórias com personagens encantados, magias, fantasias e aventuras em realidades e tempos históricos distantes aguçam a criatividade das crianças e possibilitam que elas aprendam valores e comportamentos contidos nos contos de fadas (Silva; Barros; Nascimento, 2012; Bettelheim, 1996).

Na compreensão de Martins (2006, p.157), os estudos realizados na contemporaneidade têm aparência inofensivas, na realidade, não são inofensivos, mas se mostram como a representação da vida de mulheres na sociedade europeia no período do século XVI. É possível observar algumas das características das princesas dos contos de fadas com o modo como são vistas e tratadas as mulheres até na atualidade.

A Base Nacional Comum Curricular (2018) apresenta no eixo leitura, que está relacionado ao componente curricular de Língua Portuguesa, a possibilidade de pensar sobre o uso dos contos de fadas em sala de aula, e chama a atenção para elementos dos contos que sejam importantes para a discussão das identidades femininas. No eixo da produção de textos, ela avança ao trazer uma análise que vai além do estudo e compreensão da estrutura do texto, propondo uma análise do texto que se refere aos aspectos social, cultural, histórico, ideológico e os discursos presentes nos textos (Brasil, 2018).

Os estereótipos partem de uma situação específica que passa a ser um padrão comportamental e físico definido com base na sociedade. Assim, são características de superioridade, força, bravura e poder para os homens e para mulheres, fraqueza, submissão e gentileza. De modo que essas características são delimitadas e ditas como primordiais a um grupo no qual se legitima em falsos argumentos que se firmam pela natureza (Aguiar e Barros, 2015; Soares, 2015). Dessa forma, percebemos que os estereótipos de gênero são fundados em uma concepção criada há séculos e, mesmo após os avanços conquistado pelo movimento liderado por mulheres, ainda hoje persistem no imaginário popular. Mesmo com os avanços, ainda assim existem estereótipos a respeito das condutas da figura feminina dentro e fora dos contos.

Em relação a isso, observamos características de personagens femininos como indivíduos que necessitam da proteção masculina em obras como Branca de Neve, Bela Adormecida e Cinderela. Tendo em vista que os contos de fadas exercem influência na construção da personalidade e percepção de si e do outro, eles são marcados pelo encerramento da trajetória de sofrimento das garotas com a chegada de personagens masculinos. Assim, reforçam os estereótipos de mulheres como frágeis, desprotegidas e indefesas. Diante disso, percebemos que o homem é apresentado como responsável pelo final feliz da garota, de modo que não se mostram outras possibilidades em que a própria menina possa ser a protagonista da sua história. Ela é exposta a participação da figura masculina e de um matrimônio como resolução dos problemas.

Quando pensamos em contos de fadas, é possível lembrarmos de princesas. Consequentemente, temos as características físicas e comportamentais delas. Como é visto em Branca de Neve, que, devido a sua beleza, ela é alvo de sua madrasta feiticeira, mas, também, por conta da beleza, da jovialidade e da doçura, características que impediram o caçador de matá-la. A princesa realiza tarefas domésticas juntamente com seus atributos físicos são de suma importância para conseguir abrigo na casa dos sete anões. De igual modo, fator crucial para que um príncipe desconhecido se apaixone e a liberte do feitiço.

Apesar de conterem estereotípicos, é possível trabalhar com contos de fada em sala, fazendo uso de uma perspectiva que permita que as crianças reflitam a respeito das histórias, a caracterização dos personagens e de quais estereótipos são apresentados (Bensi, 2016; Zumaêta, 2016). Nesse sentido, foi desenvolvido um processo de adaptações e promoção desses contos de fadas. Com uma certa mudança de mentalidade, no século XXI, ampliou-se o processo de releituras dos contos de fadas de maneira mais expressiva, bem como de recriações (Pinheiro; Gomes, 2018, p. 01).

Nesse contexto, as novas produções cinematográficas com base nas histórias dos contos de fadas têm construído as personagens femininas como protagonistas de suas histórias com comportamento de coragem, ousadia, autonomia, liberdade, força e heroísmo e não há essa supervalorização do matrimônio e da força como pertencente aos personagens masculinos. Dessa forma, são apresentadas personagens com características contrárias aos estereotípicos de gênero, são por assim dizer, transgressoras. As novas personagens dos contos de fadas estão vivenciando momentos de aventuras e reflexão que favorecem à formação da identidade feminina audaciosa, livre e independente (Plácido; Silva, 2018). Assim podemos ver nos filmes como Enrolados (2010), Valente (2012), Frozen (2013), Moana (2016) e Asha, em Wish: o poder dos desejos (2023).

Dessa maneira, observamos que, na década de 1990, a *Walt Disney Studios* produziu os filmes dos contos de fadas Alladin (1992), Pocahontas (1995) e Mulan (1998) numa perspectiva que demonstram as mudanças relacionado a representações e identidades femininas que são reflexo de ressignificação dessas personagens femininas (Aguiar e Barros, 2015.p.10). Os

novos contos de fada reforçam a importância e as pautas do movimento feminista, ao construir personagens femininas fortes, independentes, aventureiras, empoderadas e corajosas.

Em virtude disso, são vistas como “ações transgressoras desenvolvidas pelas personagens significaram para elas a conquista do seu espaço e a capacidade de fazerem suas próprias escolhas” (Plácido; Silva, 2018, p.10). Destacamos que tanto as primeiras adaptações como as produções de contos de fada foram realizadas por homens, como mencionado. É evidente que eles trazem traços de uma sociedade patriarcal e machista, que estabelece um padrão de comportamento e lugares sociais destinados às mulheres.

Dias et. al. (2018, p.343) expõem que “nos contos de fadas, os papéis sociais atribuídos aos sexos feminino e masculino são bem evidentes e, remete ao papel atribuído à mulher e ao homem na sociedade da época em que foram sistematizados.” Algumas das novas adaptações são feitas na perspectiva de gênero, visando retirar da narrativa as deturpações referentes aos papéis sociais, em razão da crítica feminista em favor de se trazer aos clássicos contos figuras femininas empoderadas e autônomas (Martins, 2006; Moraes, 2012).

Originalmente, os contos de fadas construíram-se com base em situações reais com a adição de crenças e magias. Silva et. al. (2005, p.03) corroboram com esta perspectiva, ao acrescentarem que “[...] da antiguidade à idade média, os casamentos eram combinados sem o consentimento da mulher e, a união, não consagrava o amor e sim um contrato entre o pai da noiva e a família do pretendente.” Contrariamente, na produção cinematográfica de 1991, *A Bela e a Fera*, a jovem Bela é uma leitora que se recusa a casar com Gaston, pois não aceita ser o ideal de mulher exigida por ele. Dessa forma, embarca em uma aventura para resgatar o seu pai. Bela se revela forte, corajosa e insubordinada.

Essas novas personagens são uma alternativa de invalidar esse discurso e trazer a questão do gênero expondo os estereótipos existentes na composição dessas narrativas, tendo em vista que, por vezes passam despercebidas por vivermos em uma sociedade fortemente marcada pelo machismo, sexismo, patriarcalismo, racismo e misoginia. Nesse sentido, a Teoria e Crítica Literária Feminista investigam e analisam a relação de representação de poder e dominação masculina entre outras pautas dos movimentos feministas.

Nas representações das personagens femininas dos contos de fadas, há algumas semelhantes na forma como as mulheres são vistas e tratadas na sociedade de hoje. Elas ainda, em muitos exemplos, reafirmam a supremacia da beleza da mulher branca, do patriarcado, da resolução de problemas atrelados ao casamento e à valorização de aprendizagem de tarefas do lar para mulher (Dias, et al, 2018; Batista, 2011). No entanto, destacamos as conquistas oriundas de manifestações das mulheres e dos movimentos feministas que possibilitaram a aquisição de direitos, conseqüentemente, a ocupação de outros lugares sociais, mas ainda não há uma relação equitativa no tratamento entre mulheres e homens. Por isso, identificamos que assim como nas personagens femininas dos contos de fadas que há uma objetificação do corpo da mulher e tem sua trajetória marcada por violência de gênero. Isso ainda é algo vivenciado pelas mulheres na atualidade.

2. METODOLOGIA

A pesquisa tem um caráter descritivo e qualitativo, cuja etapa bibliográfica foi realizada no período de novembro de 2019 a março de 2020, na busca de autoras/ es que investigam contos de fadas, literatura infantil estrangeira e nacional, representação da figura femininas nos contos de fadas, novas representações das mulheres nos contos de fadas, identidade, gênero, estereótipos, funções sociais das mulheres. Para identificar as representações das personagens femininas nos contos de fadas, assistimos os contos de fada das produções cinematográficas do Walt Disney Studios: A Branca de Neve e os Sete Anões (1937), Cinderela (1950), Bela Adormecida (1959), A Pequena Sereia (1989), A Bela e a Fera (1991), Aladdin (1992), Mulan (1998), A Princesa e o Sapo (2009), Enrolados (2010), Valente (2012) e Frozen (2013).

Buscamos analisar os contos de fadas que fossem das primeiras versões (1600 a 1900). De modo que, usamos o livro *Contos de Fadas em Suas Versões Originais* organizado por Marina Ávila (2019) que apresenta as histórias Branca de Neve (Jacob e Wilhelm Grimm), A Bela e a Fera (Jeanne-Marie Leprince de Beaumont), A Bela Adormecida (Jacob e Wilhelm Grimm), Rapunzel (Jacob e Wilhelm Grimm), Cinderela (Jacob e Wilhelm Grimm), Sol, Lua e

Talia (Giambattista Basile). Os contos de fada da Branca de Neve e Cinderela foram usados na sala de aula pelas professoras participantes desta pesquisa.

Para realização da etapa de campo, foi elaborado um o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e um questionário online no Google forms, enviado para as professoras que atuam nos anos iniciais da rede de ensino municipal de Codó/MA⁴, por meio do. Link de acesso ao questionário no aplicativo de mensagem instantâneo WhatsApp. Obtivemos a participação de seis professoras durante o período do ensino remoto emergencial (ERE). O artigo foi organizado com base no trabalho de conclusão de *Curso Estereótipos criados por Contos de fadas e a formação das identidades da mulher codoense* apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de Codó.

3. E FORAM FELIZES PARA SEMPRE?

Para Pollak (1992) e Hall (2006), o processo de formação da identidade é algo complexo em certo ponto mutável. Sendo que é uma formação que acontece tanto por questões pessoais como nas relações sociais, afetado por aspectos cultural, econômico e histórico (Pollak, 1992, p.05). Com isso, a identidade das meninas passa a ser influenciada por diversos aspectos trazidos com a modernidade e pós-modernidade, entretanto conserva algumas ações machistas, patriarcais e sexistas.

Hall (2006) descreve o declínio das velhas identidades, que, ao longo do tempo, foram construídas e fixadas. O mundo vem sofrendo pelo processo de construção de novas identidades. A partir disso, “é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que dava aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.” (Hall, 2006, p.07). Sendo assim, a formação da identidade é influenciada pelas modificações ocorridas

⁴ O município de Codó é um dos grandes municípios do Estado do Maranhão e fica na região Leste do Estado, distante a 170km de Teresina, Piauí e 300 km de distância de São Luís, capital do Maranhão. Segundo dados de 2010 do IBGE, o município apresentou uma população de mais de 114 mil habitantes e índice de Desenvolvimento Humano de 0,59. 97% da população é escolarizada, ainda de acordo com o IBGE.

no Brasil e no mundo no âmbito social, econômico e político, de maneira que em cada período existiu um padrão, um ideal e modelo a ser seguido para a mulher e outro para o homem. Com isso, entende-se que, as mulheres ao longo dos anos e com lutas, têm conquistado outras posições sociais. Consequentemente, essa mudança repercute na maneira de como a mulher se vê, vê as outras e o processo de formação da sua identidade (Vieira, 2006).

Mendes (2016) explica que existe uma divergência quanto à leitura dos contos de fada na sala. Na compreensão de alguns profissionais da educação e da psicologia, essa leitura pode contribuir para que a criança entenda que os problemas e questões sociais podem ser resolvidos magicamente com auxílio de seres encantados e príncipes em cavalos brancos. Entretanto, há aquelas/es que defendem a leitura dessas histórias dos contos de fada por trazer questões sociais e resolução de problemas que contribuem para que as crianças aprendam a resolver problemas, assim como possibilita aprender sobre outras realidades. Durante as aulas, as docentes participantes desta pesquisa relataram que usam os contos de fada e que alguns dos livros infantis usados no momento de leitura.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa dos anos iniciais (BRASIL, 1997) discorrem sobre a importância da leitura e da organização do momento de leitura, produção textual e do papel da/o professor/a nesse processo. Desse modo, “A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto” (PCN, 1997, p.41). A/O docente pode conduzir e estimular a criticidade, a argumentação através dessas leituras de maneira que a/o educanda/o possa refletir sobre os textos e livros lidos, se posicionar de forma crítica e propor resolução para problemas sociais.

No que diz respeito, à escolha dos livros usados em sala de aula, a professora Pocahontas⁵ seleciona aqueles que contém mais ilustrações, com conteúdo direcionado ao ano/série. Jasmine busca trazer para as/os estudantes livros com conhecimento que seja interessante para as crianças. A docente Mulan realiza a leitura analisando a história e o conteúdo do livro. Após isso, ela escolhe o livro. Elsa leva em consideração o nível de fluência

⁵ Os nomes usados são de princesas de contos de fadas que contribuem para desconstrução de estereótipos de gêneros e racial.

leitora da turma. A professora Tiana alia os temas do livro didático com as histórias infantis. Merida realiza a seleção do livro com base nos gêneros textuais, assim dá preferência por trabalhar com os livros nacionais como da Ruth Rocha e que apresentam temas sociais.

Em relação a isso, o PCN de Língua Portuguesa dos anos iniciais (Brasil, 1997) elenca como objetivo aprender, respeitar “e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações,” de modo que sejam capazes se posicionar “contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais” (Brasil, 1997.p. 05). Os livros da literatura infantil que são lidos em sala de aula têm que ser selecionados conforme previsto nos PCNs (Brasil, 1997) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que recomenda que “nesse período da vida, as crianças estão vivendo mudanças importantes em seu processo de desenvolvimento que repercutem em suas relações consigo mesmas, com os outros e com o mundo” (Brasil, 2018, p. 58).

No que se refere à experiência docente no momento de leitura, elas relatam que percebem que as estudantes gostam de livros infantis que têm mais ilustrações e com pouco texto. Conforme relato das professoras, A Branca de Neve e os Sete Anões é o conto de fadas preferido. Segundo a professora Jasmine, as crianças gostam dos contos de fada, bem como das fábulas e os gibis. A professora Merida observa que os contos de fada são os que as/os estudantes mais gostam por ter magia, reinos, príncipes, princesas, seres encantados e fantasia.

Coelho (2010) aponta que os enredos construídos nas histórias dos contos de fada trazem elementos do real e do imaginário. Pinheiro e Gomes (2018, p.36) compreendem que a popularidade dos contos de fada se deu com as releituras dessas histórias nas produções cinematográficas de Walt Disney Studios, que produziu filmes em formato de desenho animado. Ainda no século XX, podemos citar uma mudança importante na produção de livros dos países ocidentais que passou a investir nos livros infanto juvenil e no processo de confecção dessas obras, que teve maior atenção para a ilustração.

Nesse sentido, as professoras descrevem a organização do momento da contação de história. Pocahontas realizava uma vez na semana por vídeo chamada no WhatsApp; Jasmine

contava baseado no ensino presencial, que preparava as/os estudantes para leitura em forma de círculo; Mulan, além de organizar as crianças em círculo, confeccionava máscaras dos personagens da história e destinava um tempo para roda de conversa a partir da história contada. Elsa realizava diariamente esse momento de leitura de forma remota; Tiana produzia vídeos das histórias infantis e Merida enviava os vídeos da história no grupo do WhatsApp e usa a estratégia de rodízios dos livros infantis, que eram entregues e recebidas semanalmente na escola.

Nessa direção, todas as seis docentes entendem que os contos de fada contribuem para a formação da identidade das estudantes. Apenas Elsa dá destaque para o fato de que a forma como são lidos os contos de fada pode ser fator que contribui para influenciar o processo de formação da identidade das educandas. Merida evidencia essa questão dos valores éticos e morais presentes nos contos de fadas.

Coelho (2010) compreende que, apesar de haver elementos irrealis nos contos de fada, esses elementos são visíveis porque trazem a realidade de modo que encanta e envolve os indivíduos que leem e ouvem, de tal forma, que as mensagens contidas na história alcançam questões pessoais e até o inconsciente desses indivíduos. Mesquita e Bervique (2010) reiteram que os contos de fadas são “elementos decisivos para a formação da criança em relação a si mesma e ao mundo a sua volta” (Mesquita; Bervique, 2010, p.02). Os ensinamentos com base em valores morais da época em que foram escritas as primeiras versões desses contos de fadas são para as crianças constituidoras de seus próprios valores e entendimento do que é correto e errado.

Quanto à identidade da mulher, Silva (2005) descreve que desde a Idade Média existe um padrão que normatiza o modo como as mulheres são vistas e tratadas, definindo sua função na sociedade. Em certa medida, ainda é destinado o mesmo papel às mulheres de cuidar da família, desde profissões como enfermeira e professora da Educação Infantil. Aliás, o casamento ainda é visto nos contos de fada como um “final feliz”.

Na verdade, essa é uma forma romantizada de mostrar como mulheres se casavam com pessoas desconhecidas, que acontecia devido ao fato de os casamentos antigos serem

arranjados, tendo em vista que nas negociações do matrimônio as mulheres não participavam (Silva, 2005). Devido ao patriarcado, existe uma naturalização da dominação masculina que contribui para manutenção desse sistema de opressão, conseqüentemente, para a reprodução dos estereótipos femininos sobre o papel social da mulher, fatores influenciadores no seu processo de formação da identidade.

As professoras apresentam como os contos de fada europeus podem ser contados sem reproduzir os estereótipos das personagens femininas: no entendimento de Mulan, isso pode ser alcançado ao realizar a contação de forma respeitosa quanto às figuras femininas; Elsa compreende que pode ser trabalhado de forma a desconstruir esses estigmas; Tiana conta que pode se trazer questões do cotidiano para discutir em sala; e, Merida diz que no momento da leitura pode ser debatido sobre a submissão das personagens femininas e os valores correlatos.

Dessa forma, no momento da leitura dos contos de fadas, é importante que a|o docente possa conversar sobre alguns pontos trazidos das histórias e que são vistos na realidade, tais como as atividades domésticas, profissões que envolvem cuidar e que são de menor valorização na sociedade. É importante também apresentar outras versões desses contos de fada, em que as personagens femininas sejam ativas, corajosas, audaciosas e protagonistas da sua história sem haver a necessidade de heroísmo de um personagem masculino, provocando as|os estudantes a pensar a respeito dessas diferenças nas diferentes versões dos contos de fada.

Para Butler (2014), para que se possa discutir sobre identidade é preciso se debater sobre gênero, ambos estão relacionados à categorização do sexo e à divisão sexual do trabalho. Por conseguinte, entendemos que elas refletem na identidade de pessoas, sendo a identidade intransferível. Esse processo de formação da identidade se constitui de forma individual e coletiva, nas relações sociais, nas experiências que repercutem na forma como a pessoa enxerga a si mesmo e se enxerga a partir do outro, assim elementos fundamentais na formação da identidade.

Vianna e Unbehanum (2004), em sua investigação sobre o gênero nas políticas públicas de educação no Brasil no período de 1988 a 2002, observaram que embora haja avanços quanto

aos direitos da mulher a partir da Constituição Federal (1988), ainda se identifica essa dificuldade de discutir no âmbito escolar temas como esse.

No Plano Nacional de Educação (PNE) de 2001, no que se refere ao material didático usado no ensino fundamental, é estabelecida a meta 11, em que se determina: “(...) adequada abordagem das questões de gênero e etnia e a eliminação de textos discriminatórios ou que reproduzam estereótipos acerca do papel da mulher, do negro e do índio” (PNE, 2001, p.25).

O atual Plano Nacional de Educação (PNE), de vigência entre os anos 2014 a 2024, foi construído levando em consideração a “superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação” (Brasil, 2014). No que diz respeito às questões de gênero, não encontramos registro de estratégias desenvolvidas para a discussão sobre gênero, apesar de indicar uma busca por uma educação com equidade de gênero.

Os temas transversais constantes nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (Brasil, 1998) apresentam na seção Orientação Sexual uma discussão que, em certa medida, abrange o gênero. Nesse documento, no que se refere ao ensino e postura das/os professoras/es sobre essa temática, observamos que se faz necessário formação continuada, assim como romper com preconceitos e estereótipos relacionados às questões de sexualidade, orientação sexual, sexo biológico, gênero e identidade.

A partir da BNCC, esses temas são denominados de temas contemporâneos e transversais e não receberam a mesma importância dada nos PCN, pois ela aparece agrupada aos temas cidadania, civismo e saúde (Brasil, 2019). Precisamos continuar interrogando sobre o lugar dessa discussão na construção dos currículos escolares e demais projetos da escola.

Dessa forma, os temas transversais dispostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (1998) possibilitaram pensar ações para desenvolver em sala de aula que levem em consideração o gênero e sexualidade, tendo em vista que na Base Nacional Comum (BNCC) não abarca as questões de gênero e sexualidade. Nesse contexto, a seção Orientação Sexual é um suporte para conduzir a prática pedagógica.

Partindo do entendimento de Batista (2011), Butler (2014) e Bensi (2016), é necessário identificar os estereótipos presentes nos contos de fadas europeus e, a partir disso, trabalhar a partir dessas narrativas questões contemporâneas que permeiam a sociedade tais como o casamento infantil e a relação dos jovens com a família: a partir do conto da Branca de Neve, discutir o fato de que ela foge de casa ainda adolescente, o que influenciou no seu casamento infantil. No caso do Conto da Bela e a Fera, problematizar o fato de que ela é trancada num castelo para pagar dívidas do pai e no final se apaixona pela Fera que se torna príncipe, reforçando o discurso que as mulheres são centro de reabilitação, de que a mulher tem o poder de mudar o parceiro.

No conto da Bela Adormecida, ela é punida por algo que o pai fez, em versões antigas o rei assassina a primeira esposa, assim Bela casa com o seu agressor sexual. Na história da Cinderela, tem assédio e abuso, revelando que o beijo em pessoas desacordadas representa e a tarefa de casa a ser ensinada apenas para as meninas.

Essas e outras temáticas podem ser problematizadas para pensar e discutir problemas que são próprios de pessoas na idade dos alunos, auxiliando-os a ver uma história a partir de diferentes perspectivas, ampliando a capacidade leitoras deles.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As professoras participantes entendem que os contos de fada contêm estereótipos femininos e que, isso de alguma forma tem uma relação influenciadora no processo de formação das identidades femininas. Elas demonstraram estar conscientes de que a desconstrução desses estereotípicos pode ser realizada por meio de intervenções durante a leitura que propiciem as/os estudantes a entenderem o porquê de serem considerados como estereótipos, estimulando assim, a criticidade e a reflexão sobre os estereotípicos contidos em cada conto de fada.

Discutimos ao longo do artigo que os documentos legais que fundamentam a educação brasileira presam por uma educação para o exercício pleno da cidadania, sem discriminação e com equidade de gênero. Contudo, para que isso aconteça, faz-se necessário promover

discussões com as/os docentes para que estejam conscientes de que as representações das personagens femininas dos contos de fada europeus tradicionais têm aspectos que as torna estereotipadas na atualidade.

Para ter esse posicionamento, é preciso se basear tanto nos documentos oficiais da educação nacional como em estudos sobre gênero. Eles são importantes para evitar deturpações quanto aos conceitos e definições envolvendo questões de gênero, sexo, sexualidade e identidade. O papel social da mulher que está nos livros dos contos de fada, principalmente nas versões mais antigas, ainda se mantém, o que evidencia a necessidade de discutir e realizar outras pesquisas sobre essa relação dos contos de fadas com a formação da identidade da mulher.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, E. L. de C. e BARROS, M. K. A representação feminina nos contos de fadas das animações da Walt Disney: A resignificação do papel social da mulher. Intercom: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **XVII Congresso de Ciências da Comunicação na região Nordeste**, Natal. 2015.

ADRIÃO, K. G.; TONELI, M. J. F.; MALUF, S. W. O movimento feminista brasileiro na virada do século XX: reflexões sobre sujeitos políticos na interface com as noções de democracia e autonomia. **Revista Estudos Feministas**. vol.19 n.3, Florianópolis. 2011.

BARROS, Rosiane Bento; SILVA, Maria Auricélia Lima da; NASCIMENTO, Thiago Alves Moreira. **A importância dos contos de fadas na educação infantil**. Anais IV FIPED. IV Fórum internacional de pedagogia -FIPED. Realize Editora, Campina Grande: 2012. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/531>. Acesso em: 10 de set. de 2020.

BASTOS, G. M. **A importância dos contos de fadas na educação infantil**. 2015. p. 55. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia), Universidade de Brasília. Brasília. 2015.

BATISTA, E. R. A Cinderela sob a perspectiva de gênero. **Revista de Estudos em**

língua e literatura: Interdisciplinar, v.13, Sergipe. 2011.

BENSI, R. B. ; CAVALCANTE, Claudia Garcia. **Desconstrução de Estereótipos Através de Histórias e Contos Infantojuvenis.** 1.ed. v.1. Programa de Desenvolvimento Educacional-PDE, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2018.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas.** 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo:** Fatos e mitos. Nova Fronteira. Rio de Janeiro. 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. 11ª ed.. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. Regulações de Gênero. **Cadernos Pagu.** n 42.Campinas-SP. 2014.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro.1989.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina.** 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais:** ciências naturais. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental-SEF. Brasília, 1997.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais:** Orientação sexual. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental-SEF. Brasília, 1998.

BRASIL. **Lei no 10.172, de 9 de janeiro de 2001.** Plano Nacional de Educação. Ministério da educação. Ministério da Educação, Brasília-DF. 2001.

BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014.** Plano Nacional de Educação. Ministério da educação. Brasília-DF. 2014.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular:** Ensino Fundamental. Ministério da Educação. Brasília, DF. 2018.

BRASIL. **Temas contemporâneos transversais na BNCC:** Contexto Histórico e Pressupostos Pedagógicos. Ministério da Educação. Brasília, DF. 2019.

CARVALHO, Cristiane. Portela. **A contribuição da identidade feminina em veja.** 2006. p.135.

Dissertação (mestrado em comunicação), Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2006.

CIÊNCIA HOJE PARA CRIANÇA. **Era uma vez**. Ciência Hoje Para Criança. Rio de Janeiro. 2014. Disponível em: <http://chc.org.br/era-uma-vez-2/>. Acesso em 10 de jan. de 2020.

COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas. A dominação masculina: O poder do desejo do Outro. n.11. Círculo Psicanalítico da Bahia. **Cógito**. Salvador. 2010.

DUTRA, Zeila Aparecida Pereira. A primavera das mulheres: ciberfeminismo e os Movimentos Feministas. v.6, n.2, **Revista feminismos**. Bahia. 2018.

DIAS, Marly de Jesus Sá, et. al. (2019). A representação feminina nos contos de fadas: uma análise a partir do conto cinderela. **Revista Interdisciplinar Em Cultura E Sociedade**, 4 (Spec), p. 341–351. São Luís. 2019.

FALCONI, Isabela Mendes. e FARAGO, Alessandra Corrêa. **Contos de fadas: Origem e contribuições para o desenvolvimento da criança**. Cadernos de educação: Ensino e Sociedade. Bebedouro. 2015.

GRIMM, J.; et. al. **Contos de fadas em suas versões originais**. Trad. BELHASSOF, C. M. LEMOS, F.; FRANÇA, K.; MUNIZ, A. e COELHO, C.C. Org. AVILA, Marina. ed. 2. Wish. São Paulo. 2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. ed.11. Trad. Tomás Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. DP&A, Rio de Janeiro. 2006.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: Guacira Lopes Louro (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 02 ed. Belo Horizonte. Autêntica, 2000, v. , p. 07-151.

MARTINS, Maria Cristina. Histórias que nossas Mães não nos Contaram: revisionismo feminista dos contos de fadas. **Em Tese**, Belo Horizonte. 2006.

MENESES, Atalia Tainan De Freitas e SILVA, Maria Eliane Souza da. **A desconstrução da representação feminina nos contos de fadas**. Encontro Nacional de literatura infanto-juvenil e ensino. Paraíba. 2018.

MESQUITA, Neto Rui. e BERVIQUE, Janete de Aguirre. A influência dos contos de fadas na compreensão do mundo pela criança. **Revista científica eletrônica de psicologia**. n. 14. São Paulo. 2010.

MENDES, Núbia de Oliveira. **Os contos de fadas e estereótipos femininos: Atravessamentos nos discursos de crianças.** 2016. p.50. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2016.

MORAE, E. Ser mulher na atualidade: a representação discursiva da identidade feminina em quadros humorísticos de maitena. In TASSO, I., and NAVARRO, P. (orgs.) **Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas.** Maringá: Eduem, 2012.

NOGUEIRA, Conceição. **Psicologia e construção social do gênero. Seminário Internacional Coeducação: do Princípio ao Desenvolvimento de uma Prática.**

Lisboa, 1999. Disponível em:

https://sigarra.up.pt/fcnaup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=87809. Acesso em 21 de jan. de 2020.

TORRES, M. N. O.; SERRA, L. H. ; OLIVEIRA, K. A. . Os contos de fadas nos anos iniciais: Estereótipos e formação das identidades das meninas codoenses. In: MORAIS, Joelson de Sousa; COSTA, Cristiane Dias Martins da; VILANOVA, Lucinete Fernandes (Orgs.). **Formação docente e práticas pedagógicas: desafios e possibilidades em múltiplos contextos.** 01 ed. São Carlos. SP: Pedro & João Editores, 2022, v. , p. 21-189.

PESSOLATO, Luciana e BRONZOTTO, Maurício. As transformações dos contos de fadas e o surgimento da infância. **Revista Eletrônica Saberes da Educação.** v.5, n.1, São Paulo, 2014.

PINHEIRO, Marta Passos; GOMES, Sabrina Ramos. Os “Novos” Contos De Fadas: Tradição e inovação em a Bela e a Adormecida, De Gaiman e Riddell. Ilha Desterro, **Revista de Língua Inglesa, Literaturas em Inglês e Estudos Culturais.** v.71, n.2. Florianópolis. 2018.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos.** v. 05, n.10, Rio de Janeiro. 1992.

PLÁCIDO, Elane da Silva; SILVA, Roniê Rodrigues da. Empoderamento da personagem Jacira em a mãe... empoderamento de personagem feminina como transgressão. **Rev. Feminismo.** v.6, n.3, São Paulo, 2018.

POMAR, Clarinda. et. al. **Guião de Educação Gênero e Cidadania.** Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género 2º ciclo. Presidência do Conselho de ministros. Lisboa. 2012.

SILVA, Fernanda Rachel Camargo da. Literatura infantil no Brasil: Figueiredo Pimentel. II **jornada pedagógica do LALUPE,** Ponta Grossa, Paraná. 2010.

SILVA, Glauce Cerqueira Corrêa da; et. al. A mulher e sua posição na sociedade: da antiguidade aos dias atuais. **Rev. Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar SBPH**. v.8 n.2 Rio de Janeiro dez. 2005.

SILVA, Aurora Maria Ribeiro da. **Papel de gênero e práticas familiares**. 1999. 147f. Dissertação do Mestrado (em Psicologia Social). Universidade do Porto Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Portugal.1999.

SOARES, Livia Maria Rosa e CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. de. Novos destinos em “Além do bastidor” e “A moça tecelã” de Marina Colasanti. **Signo**, v.40, n. 68. Santa Cruz do Sul 2015.

SCHNEIDER, Raquel Elisabete Finger e TOROSSIAN, Sandra Djambolakdijan Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea. **Psicologia em Revista**, v. 15, n. 2, Belo Horizonte 2009.

VIANNA, Cláudia Pereira e UNBEHAUMO, Sandra. Gênero nas políticas públicas de educação no Brasil: 1988-2002. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 12. São Paulo. 2004.

VIEIRA, Josênia Antunes. A identidade da mulher na modernidade. **Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**. v. 21, n. 3. São Paulo. 2006.

241

ZUMAÊTA, Letícia Oliveira. **Representação feminina em contos de fadas**: Uma análise das personagens de três histórias infantis e suas adaptações. 2016. 81f. Trabalho de Conclusão de curso (Graduação em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

Submetido: 04/12/2023

Aprovado: 30/12/2024